

Contadores de histórias – permanência e circulação de saberes

Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira

UFPB/ CE/ DME

O contador de histórias está ligado a uma tradição de transmissão dos contos das mais diversas origens, além de lhe estar reservado o status de transmissor de um conhecimento. Fiel ao preceito proverbial de que *quem conta um conto aumenta um ponto*, ao sabor do contar, atualiza e adequa a narrativa ao momento que ele e os seus ouvintes estão vivendo.

Narradores reconhecidos pela qualidade do seu contar, detentores de um saber de magia e de encantamento, mestres em construir com as palavras caminhos que conduziam à novidade, ao sonho, ao medo, ao riso, aonde o ouvinte nem esperava chegar, esses ainda existiriam? Além de contadores de histórias como Luisa Freire (Bibi), mencionada anteriormente, é possível que haja contadoras com memória prodigiosa, a exemplo de Luzia Tereza (Pimentel, 1995)¹ que já em idade avançada detinha um repertório invejável de contos, tendo sido publicadas 103 histórias, em dois volumes, que não puderam comportar um acervo de 236 histórias registradas.

Há contadores que não tiveram seus acervos de textos orais registrados por algum estudioso e mesmo não tendo oportunidade de contar suas histórias, ainda detêm um bom acervo de contos. Estariam essas histórias fadadas a se desgastarem na memória até serem esquecidas, pela falta de ouvintes para esses artistas anônimos? Foram contadores como esses que motivaram personagens literários como a Velha Totonha dos engenhos da Paraíba de José Lins do Rego (1965), que emprestaram colorido à Tia Nastácia, personagem de Monteiro Lobato.

Os contos populares orais, revisitados por gerações, multiplicaram-se em incontáveis versões que a cada narração são atualizadas fazendo parte de algum repertório de contadores que por não disporem, com frequência, de ouvintes, acreditam às vezes não saber mais contar histórias. Como é o caso de D. Luísa dos Santos (Mogéiro-PB), que em conversa informal, contou uma história que lhe veio à lembrança. Terminada a narração, disse para si: *Eu pensei que nem sabia mais dessa história...* Em conversas com contadores de histórias reconhecidos como tal pelo grupo social onde vivem, não é raro o registro de depoimentos que denunciam a falta de oportunidade para contar histórias motivada por uma mudança nas preferências das pessoas no que se refere aos tipos de entretenimento preferidos atualmente. Para esses contadores, trocar histórias com um grupo fiel de ouvintes era atividade apreciada em um tempo que já passou.

¹ Luzia Tereza faleceu aos 74 anos. Lamentava não ter mais tempo para contar tantas histórias que ainda trazia na memória. (p. 396)

– Contar a vida e contar histórias: narrar e contar

A paisagem local vista com olhos cansados de ver sempre, já não consegue despertar nas pessoas o reconhecimento da beleza que revelam as coisas do lugar. Os fatos que compõem a sua história perdem o dom de despertar interesse das pessoas da região. Os velhos, memória viva das histórias da comunidade, por não encontrar respaldo nos mais novos, vão deixando de contar os ocorridos de tempos atrás, deixam também de contar histórias. Seu Irineu, falecido na década de 90, pode ser considerado um exemplo desse desfalecer da memória de uma comunidade. Ele que quase octogenário, viajava em romaria todos os anos a Juazeiro (CE), segundo ele: “mais pra ouvir histórias” que se contavam nos “ranchos”² quando todos se reencontravam, ano após ano, sabia como ninguém registrar a crônica da fundação de Gameleira, local onde nasceu e cresceu, distrito de Mogeiro, município situado no agreste acaatingado paraibano. Seu Irineu fazia a crônica do seu tempo. Vivia no local desde a formação do grupo de casas, lembrando-se ainda de quando toda a região era recoberta pela mata e abriam-se picadas para a construção da estrada de ferro que ainda hoje registra a passagem do trem pela localidade. Ao relatar os fatos ocorridos na região desde a divisão político-geográfica que tem atualmente, o fazia unindo realidade e imaginação, ficando às vezes difícil delimitar as duas instâncias. Quando se dispunha a uma conversa sobre as suas reminiscências, Seu Irineu revelava um sentimento de nostalgia pelo passado:

“(...) hoje em dia, todo mundo embevecido pela televisão não sabe nem quando a lua ta cheia. Antigamente, nesses dias de lua, os mais velho contava história pra os mais moço. Era cada história boa... que todo mundo queria ouvir...”

Ele que tanto ouviu aquelas histórias e gostava de ouvi-las afirmava não ter gravado nenhuma na memória. Seu Irineu gravou a atmosfera dos encontros, a postura das pessoas diante das narrativas, o gosto pelo exercício da imaginação, a necessidade de buscar novas histórias como uma maneira de realimentar o senso do misterioso que parece dar sentido à sua existência. Grotas nas pedras em que eram jogados cadáveres dos assassinados por vingança, buracos que não tinham fundo, aliados a informações da penúria em tempo de seca mais rigorosa. Quando ele contava dos homens que foram jogados vivos dentro das grotas sem fundo existentes dentro da mata, do mistério que envolvia os poderosos que dispunham da vida e da morte dos antigos moradores daquelas terras, o fazia como um cronista falando sobre os fatos vividos ou sabidos de perto.

Falava dos pactos de morte entre famílias inimigas que habitavam a região, referia-se ao acerto de divisão de direitos sobre a água estabelecidos entre o dono das terras e as pessoas do lugar que construíram um açude, apontando para a mudança na percepção das leis que determinam

² São denominados ‘ranchos’ as casas onde os romeiros hospedam-se, ou ‘ficam arranchados’ por um dia ou dois dias, enquanto visitam os ‘lugares santos’ no Juazeiro (CE).

os direitos e deveres de cada um. Enquanto seu olhar perdia-se na distância, enquanto Seu Irineu relembrava períodos de penúria motivados pelos anos de seca rigorosa, quando não se dispunha de um único poço para abastecimento, sendo necessário madrugar na estrada a caminho do rio Paraíba, em busca de água.

O distanciamento do relator frente ao ocorrido, aliado à imaginação que envolvia o fato contado compunha a visão épica dos habitantes da região. Seu Irineu não se considerava um contador de histórias, mas sabia como ninguém contá-las com maestria. Era uma memória viva na comunidade que tinha a sensibilidade de perceber o lado mágico da existência. O seu repertório, que dizia das coisas da sua localidade, era formado pela sua história de vida. Falava de dificuldades comunitárias quando ainda era ainda um garoto, comparando épocas e comportamentos:

“Teve ano de seca que todo mundo tinha de ir ver água no Rio Paraíba. Saía cedo, como escuro e chegava na boquinha da noite. Hoje tem açude em cima de casa, tá tudo fácil e o povo ainda reclama...”

Contava episódios da construção da estrada de ferro que corta o arruado, passando rente à cerca da casa em que morava.

“Aqui era tudo coberto de mata. Pra sentar os primeiros trilhos, era derrubando os paus na mata e trazendo pra linha. De bem pertinho. Era abrindo a mata pra fazer a estrada”.

Para quem ouvia o seu relato, comparando com a devastação que então se via e ainda se vê hoje, quando rareiam as árvores e o sol castiga o solo e as pessoas, constituía um exercício agradável de imaginação repensar a paisagem que ele descrevia, afirmando tê-la visto. A sua segurança no narrar os fatos não deixava margens para dúvidas.

Contadores de histórias que residiram nas fazendas ou freqüentaram os alpendres das casas-grandes, das usinas e dos engenhos de cachaça e rapadura, que habitaram as senzalas ou que passaram pelas bagaceiras de um Nordeste açucareiro podem não existir mais nesses moldes da época do auge do ciclo da cana-de-açúcar. A atividade de contar histórias, os encontros da comunidade que propiciam o narrar, é uma atividade que teve lugar no meio rural antes da formação das chamadas sociedades industriais (GÖRÖG, 1982: 96). As formas de trabalho que carecem de adaptação a novas técnicas, aliadas a uma mudança cultural proporcionada pela otimização da informação, vêm tomando nas comunidades o espaço que era do encontro que oferecia oportunidade para o contar. As modificações na estrutura do setor agrário no Brasil, transformando as relações de trabalho no campo, têm provocado o êxodo rural desordenado, o que constitui mudança do espaço cultural de tantos narradores que se vêem na cidade sem o ambiente tradicional do conto (LIMA, 1985: 22).

A mudança dos costumes motivada por condições de trabalho assalariado que exigem a presença constante do trabalhador é um fator preponderante no que poderia ser classificado como falta de tempo para conversas. A melhoria das condições de produção no campo³, em detrimento do agricultor, no que toca às máquinas que além de retirar a oportunidade de trabalho, intensificando o êxodo rural, inviabiliza por completo, no ciclo da produção de culturas como milho, feijão, amendoim, os grupos que se formavam para o plantio, colheita e debulha, desfazendo essas oportunidades de encontro que motivavam as conversas que muitas vezes propiciavam o contar.

Os grupos constituídos por pessoas de todas as idades que se formavam para as “farinhadas”,⁴ que varavam as noites em trabalho e conversa, oportunidade para o surgimento das histórias, para a socialização das informações estão rareando. A escassez de chuvas provocou a diminuição e por vezes a inviabilidade do plantio, não só da mandioca como de outras culturas. Em outras regiões, o surgimento de casas de farinha aparelhadas com um moderno sistema de mecanização fez o modo de produção, antes artesanal, tomar a mesma orientação, visando à economia de tempo e aumento da produção do trabalho industrializado, inviabilizando a disponibilidade do tempo que os trabalhadores envolvidos no processo de produção empregavam para realizar aquelas tarefas.

Em conversas com contadores de histórias reconhecidos como tal pelo grupo social onde vivem, não é raro o registro de depoimentos que denunciam a falta de oportunidade para contar histórias motivada por uma mudança nas preferências das pessoas no que se refere aos tipos de entretenimento preferidos atualmente. Para esses contadores, trocar histórias com um grupo fiel de ouvintes era atividade apreciada em um tempo que já passou.

O desenvolvimento no setor das comunicações tem encurtado o tempo de transmissão da informação, ao mesmo tempo em que implanta e otimiza outras fontes de lazer. A televisão é dessas marcas do progresso a mais acusada de reunir as pessoas em sua volta, à noite, proporcionando o desinteresse delas por outra atividade, como se reunir para ouvir/contar histórias. A televisão substituiria a conversa que antes tinha lugar àquelas horas noturnas. A velocidade com que são veiculadas as imagens, a informação sobrepondo-se à narração fazem com que o que é comunicado em uma reunião comunitária perca em apelo informativo e de entretenimento em comparação com o que vem de fora através da tela do televisor.

O contador Manoel Domingos, Seu Manoel, também natural de Mogeiro, dobrando-se à preferência de que desfruta a televisão entre os potenciais ouvintes das narrativas, afirma que se

³ As máquinas (tratores com seus implementos) realizam o trabalho de dezenas de agricultores com maior economia de tempo e melhor rendimento da produção, o que viabiliza a produção em escala comercial.

⁴ Trabalho nas ‘casas de farinha’, obedecendo a um modo tradicional de produção de farinha de mandioca, além do polvilho (goma) e da ‘massa de mandioca’, (subproduto do qual se retirou a ‘goma’).

fosse possível ao contador utilizar-se dos recursos de que dispõe a televisão, o contar teria sempre “sucesso garantido”.

Se enquanto ele fosse contando, as coisas fossem aparecendo na tela da TV, a história ficava mais bonita e todo mundo queria assistir e ouvir as histórias.

O divertimento⁵ que constituía ouvir histórias vai perdendo em apelo visual e informativo para a televisão e para tantos jogos eletrônicos estruturados a partir da imagem desenvolvida para adequar-se à tela animada. O que vem de fora parece ter mais importância do que o que já é conhecido de todos no lugar. A televisão criaria a ilusão de que é possível ter uma vida mais agradável, menos dura do que a que se está vivendo. Por mostrar as personagens identificadas com pessoas comuns, os fatos como reais, exibindo características com as quais as pessoas podem identificar-se, despertaria um maior interesse do que aquelas personagens que povoam os contos populares, vistos como pertencentes a um passado, em algum lugar da infância de cada um, tempo imaginado que não disporia mais de espaço no cotidiano que se vive nos dias atuais.

Mesmo persistindo este discurso de fim dos tempos em relação aos contadores de histórias, no Brasil eles ainda são numerosos, ainda que isolados pelo rareamento da oportunidade para contar. A conversa, que leva no seu bojo a narrativa, ainda traz à tona muitos contos que fazem parte de uma tradição reconhecida pelo povo. As histórias se multiplicam através da capacidade que o contador revela de perceber a narrativa no seu cotidiano. Benjamin (1994: 201) reafirma essa capacidade que o contador exibe em fazer da sua vida e das experiências da sua comunidade matéria para as suas histórias, quando diz textualmente:

O narrador retira da experiência o que ele conta; sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.

O narrador realiza o seu contar em constante interação com os seus ouvintes. O conto é atualizado em função daqueles que o ouvem que, como o contador, fazem parte das histórias no que elas têm de atual, no que elas exibem como inerente ao saber conjunto da comunidade e à percepção do contador em particular. O contar nutre-se da matéria coletada no cotidiano da experiência de quem narra. Uma viagem, uma história ouvida de alguém, um fato divulgado, um folheto lido, em tudo pode morar uma boa história. Pela velocidade com que voa a informação nos meios de comunicação, pela facilidade de transporte das coisas e das pessoas, as narrativas, vêm aos

⁵ Em Mogeiro (PB) contar histórias é referido como uma brincadeira. O contar muitas vezes é iniciado com o convite: “Vamos brincar de contar histórias...” Essa concepção também é registrada em Lima (1985:63) que por sua vez cita Figueiredo Filho, ambos os autores referindo-se ao conto popular no cariri cearense.

contadores e eles a percebem e transformam, possibilitando a continuidade dessa corrente de recriação das narrativas, de atualização do ato de contar.

As reuniões noturnas onde o conto tinha o seu lugar garantido já não acontecem mais com tanta frequência. Mudam os costumes e com eles o contar. Essa mudança transforma a relação contador/ comunidade/ história/ ouvinte, mas não é suficiente para fazer desaparecer o gosto pelo contar/ouvir histórias. O contador guarda na memória partes do conto que lhe permitem reatar os laços da narrativa, conseguindo, mesmo depois de muito tempo sem contar determinadas histórias, trazê-las de volta aos ouvintes. Seqüências rimadas, diálogos marcantes, imagens criadas ao contar ou ao ouvir a história pela primeira vez, gestos que definiram trajetórias de alguma personagem, reação dos ouvintes de outrora quando era contada determinada seqüência, a atmosfera do conto, são marcas que têm a força de trazer de volta a história à memória do contador.⁶ As narrativas, por sua vez, transformadas pelas marcas do esquecimento, assim mesmo revelam uma capacidade de permanência na memória coletiva. O contador de histórias articula na memória um acervo de narrativas que se renovam no contar. Narrando, o contador atualiza a história ao mesmo tempo em que mantém a tradição do encontro em torno dos saberes comunitários. A atividade de contar histórias tem mudado de lugar, tem sofrido retração, registrado transformações, mas continua mostrando-se forte o suficiente para manter-se viva.

Referências bibliográficas

BENJAMIM, W. *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio de Literatura e História da Cultura*. In: *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. (trad. Sérgio P. Rouanet) São Paulo: Brasiliense: 1995.

GÖROG – KARADY, V. Qui conte en France aujourd'hui? In: CAHIERS DE LITTERATURE ORALE – *Conteurs* n° 11 Paris: Langues'O (p. 95 – 122), 1982.

LIMA, F. A. S. *Conto Popular e Comunidade Narrativa*. Rio de Janeiro: FUNARTE/ Instituto Nacional do Folclore, 1985.

SILVEIRA, M.C.A *O carretel da memória – histórias fabulosas de um contador paraibano*. João Pessoa: Ed. Universitária, 1998.

⁶ Geneviève Calame-Criaule (1998: 228), em artigo sobre a comunidade africana dos Dogons, refere-se a uma forma de um contador trazer o conto de volta à memória análoga a uma das formas utilizadas pelo contador de Mogeiro (Silveira, 1998: 121) que anota a seqüência da história e 'medita' sobre ela até que ela se recomponha na memória.

ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

CALAME-GRIAULE, G. (edit) *Le Renouveau du conte* (The revival of storytelling) Paris: CNRS, 1991.